

MÁRIO DE ANDRADE – DA POESIA MODERNA À PARÓDIA ÉPICA

META

Apresentar as propostas estéticas e ideológicas de Mário de Andrade a partir da leitura de seus poemas e romances.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

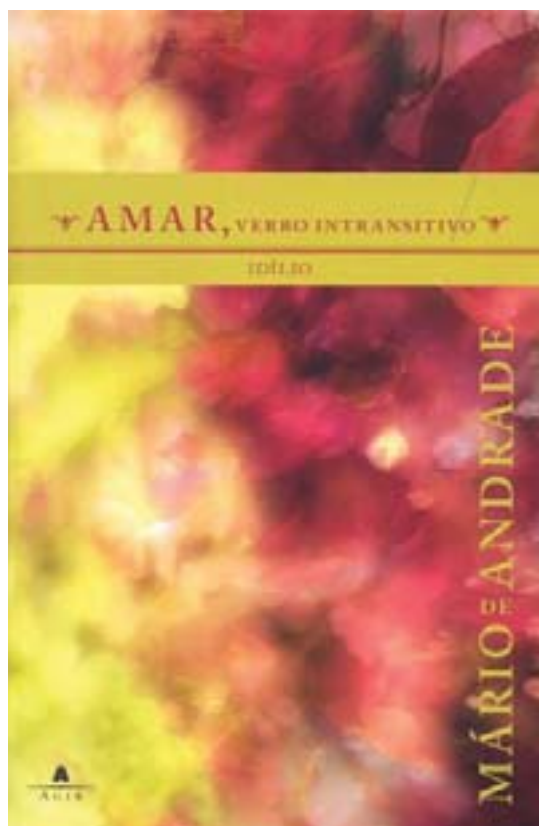
identificar as características e a evolução estética da poesia de Mário de Andrade;

analisar culturalmente a proposta da poesia e da prosa de Mário de Andrade no contexto social brasileiro;

analisar a construção estética e cultural de Macunaíma, o herói sem caráter.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre as Vanguardas européias e Semana de Arte Moderna.



Capa do livro - *Amar, Verbo Intransitivo*.

(Fonte: <http://images01.olx.com.br/Imagens-de-LIVRO-Amar-Verbo-Intransitivo-Mario-De-Andrade.jpg>).

INTRODUÇÃO

Nesta aula, você estudará a obra do poeta e líder modernista Mário de Andrade. Ao lado de Oswald de Andrade, Mário esteve à frente das grandes propostas do Modernismo nessa primeira fase. Mário de Andrade sintetiza a complexidade do artista moderno, por ser um homem envolvido com seu momento histórico e com a ética, além de ser um grande pesquisador da cultura e do folclore brasileiros. Ele, além de ter se dedicado à literatura, recebeu uma formação musical que foi indispensável para sua atuação como um intelectual da cultura brasileira. No auge do Modernismo, foi quem melhor traduziu para o texto literário as propostas plásticas de Anita Malfatti e Victor Brecheret, como nos ensinam seus poemas de Paulicéia desvairada (1922). Essa obra pode ser vista como a consolidação do diálogo entre literatura, vanguardas e artes.

Também esteve à frente do debate sobre o nacionalismo que, a partir de 1927, intensifica-se. Os modernistas se perguntavam: qual a literatura mais original: a que faz a antropofagia das formas ou a que privilegia os mitos primitivos do país? Essa polêmica, como vimos antes, gerou a oposição entre o grupo da Antropofagia e o grupo Anta.

Mário de Andrade foi um dos artistas mais atuantes neste período ao lado de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Eles pregavam uma versão antropofágica da arte, aquela que se apropria do que há de melhor no estrangeiro e passa a usá-lo com marcas e interesses locais. Dessa proposta, que mescla o exotismo primitivista com o jeito crítico de debater o nacionalismo, destaca-se *Macunaíma* de Mário de Andrade. Esse romance traz o desdobramento da proposta inicial do quadro de Tarsila do Amaral, *Abaporu* (o antropófago). Essa narrativa pode ser vista como uma obra que resgata as identidades do brasileiro a partir da diversidade da cultura popular como ressalta Mário de Andrade.



Abaporu de Tarsila do Amaral

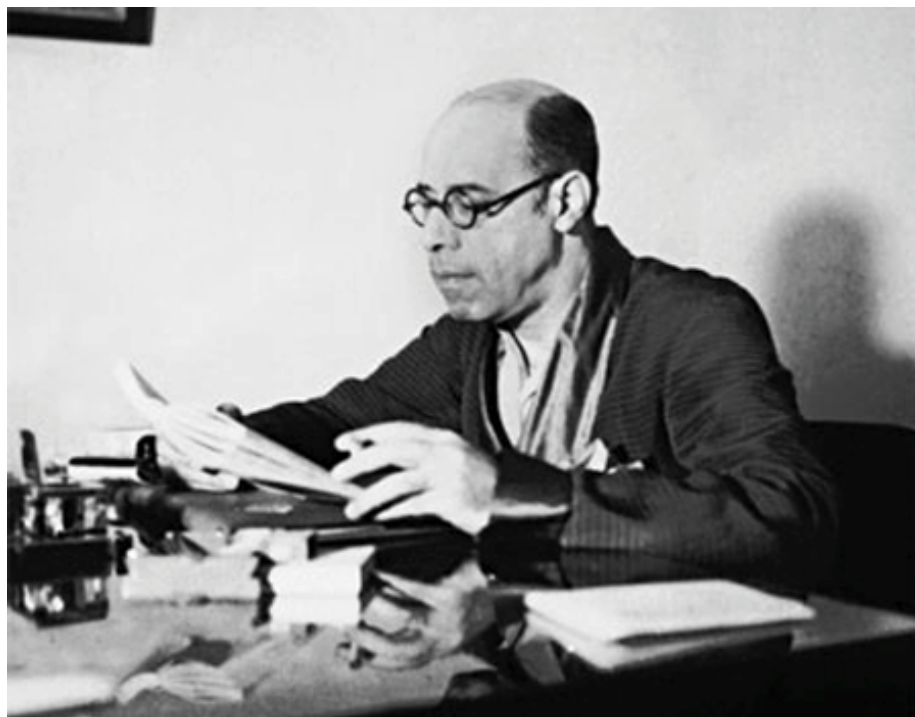
(Fonte: In http://www.fundathos.org.br/radcal/radcal_06/tarsila.htm)

A obra de Mário de Andrade, portanto, está relacionada aos primeiros momentos de ruptura e renovação e vai até o aprofundamento do debate em torno do nacionalismo. *De Paulicéia desvairada a Macunaíma*, temos os diferentes olhares desse escritor que tentou resgatar a identidade brasileira por meio de uma aprofundada pesquisa.

Por fazer parte de um projeto artístico que surgiu no frescor do manifesto antropofágico, *Macunaíma* nos remete ao debate em torno da identidade do povo brasileiro. Mário de Andrade deixa bem claro esse desejo em sua correspondência: a de escrever um livro sobre a alma do brasileiro. Ele opta pela descrição negativa do herói como uma forma de reflexão e de debate sobre as nuances de se ser brasileiro. Tematicamente, o livro traz diversas colagens de lendas indígenas e uma preocupação com costumes do cotidiano dos brasileiros. Daí, alguns trechos se aproximarem do onírico, do maravilhoso, pois a obra tem mesmo uma atmosfera mítica com diversas lendas e tradições populares como pano de fundo da aventuras de Macunaíma.

Construindo uma linha comparativa entre Mário de Andrade e os outros escritores do Modernismo, vamos desenvolver alguns tópicos sobre sua obra.

A POÉTICA FUTURISTA DE MÁRIO DE ANDRADE



Mário de Andrade.

(Fonte: <http://www.blogs.estadao.com.br/daniel-piza/2010/02/&usg>).

O escritor Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945) é desses intelectuais que se envolveram a vida toda com as causas coletivas. Além dos dotes literários, Mário foi catedrático de História da Música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Durante muito tempo foi professor de piano e colaborador de jornais. Sua participação no Modernismo foi decisiva para os rumos do movimento. Tanto pelo espírito do jovem dos primeiros anos quanto como pesquisador maduro da cultura brasileira, Mário de Andrade pode ser descrito como um poeta da cidade e da urbanização de São Paulo, por isso foi chamado de “poeta futurista” por Oswald de Andrade. Envolvido com o movimento, ele buscou as trilhas para uma literatura moderna e nos proporcionou um debate sobre as velhas e novas propostas de arte indispensável para entendermos como foi o Modernismo brasileiro. Seus primeiros poemas apresentam o ritmo futurista de uma poesia cadenciada pela urbanização e pela fome de progresso. Ele foi o primeiro poeta brasileiro a incorporar as propostas vanguardistas com foco na vida urbana, o que mudou o imaginário da poesia brasileira.

Mário de Andrade também pode ser considerado um dos maiores críticos do Modernismo brasileiro, pois sempre produziu textos que comentavam a produção artística de sua contemporaneidade. Suas obras vão além da ficção, sua proposta é densa de revisão de um país rural, daí sua profundidade crítica. Ao cruzar diversos contextos culturais brasileiros, ele recolheu o material mais primoroso para sua obra maior *Macunaíma*. Como veremos nesta aula, sua pulsão antropofágica vai além da desconstrução do herói para a construção de novas referências para o homem brasileiro:

Mário de Andrade foi sem dúvida o espírito mais vasto do Modernismo; o mais versátil e culto, o que maior influência exerceu pelos escritos, pela atuação de homem público, pela irradiação pessoal e pela enorme correspondência, hoje em grande parte publicada. Possuído pelo senso do dever, imprimiu à sua obra um caráter de missão a serviço dos ideais de arte e pensamento que lhe pareciam adequados à renovação do país (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 104-5).

Em 1922, abre seu livro *Paulicéia desvairada* com o *Prefácio Interessantíssimo*, um manifesto sobre as bases da poesia moderna. Ele é o pesquisador que propõe uma nova escola, propõe a incorporação das vanguardas como o automatismo das máquinas, a ruptura com a ordem. Muitas de suas ideias vêm do Surrealismo, por isso, encontramos uma proposta de libertação de zonas noturnas. Mas destacamos, sobretudo, sua tentativa de colocar a cidade no eixo da poesia. Mesmo assim, podemos dizer que Mário se construiu como um intelectual completo, preocupado não apenas com as causas da estética modernista, como também com a posição do intelectual diante das injustiças sociais.

Sua estética de ruptura fez bastantes ruídos e promoveu uma literatura de mudanças. Tanto suas obras líricas como sua prosa sintetizam diferentes interesses culturais com objetivos ambiciosos de um melhor entendimento da identidade brasileira. Para muitos críticos, houve mais experimentação do que amadurecimento. Mas sua obra não pode ser desvinculada das contribuições irreverentes e bem humoradas que por vezes soam como deboche em verso e prosa.

Pela longa pesquisa feita por Mário de Andrade sobre a prosódia brasileira, ele é tido como um poeta da ruptura das regras gramaticais, pois estava preocupado com a busca das particularidades coloquiais da linguagem brasileira. Sua poesia dos primeiros anos dá ao cotidiano um tom de artístico, pelo tom humorístico que contesta a literatura tradicional de inspiração clássica, como a poesia parnasiana.

Para Antonio Candido (2000), o Modernismo é o desmascaramento do atraso do Brasil. Assim, podemos dizer Mário de Andrade também traz indiretamente essa problemática quando aborda, entre seus grandes temas, o primitivismo antropofágico que passa pelo questionamento dos mitos fundadores do país. Com a antropofagia, metaforicamente, o artista brasileiro propõe a devoração da civilização européia. Essa proposta já está presente em *Paulicéia Desvairada*, a obra em que contextualiza grande parte das propostas modernistas. Ela traz um canto à cidade e ao Tietê, um canto à modernidade. Com essa poesia urbana, ele nos coloca no cerne da luta estética daquele período: modernismo X conservadorismo.

Seu manifesto *Prefácio interessantíssimo* traz conceitos da poesia moderna que se distanciam do lirismo para expressar o que grita no poeta contemporâneo. Nesses poemas, encontramos a prosódia brasileira e o verso livre. Foi um pesquisador sobre o ritmo do verso, da musicalidade da poesia, vista por ele como uma polifonia poética. Em um momento mais coeso, Mário de Andrade defende que a arte moderna não precisava abordar temas exteriores, como automóveis e cinema, pois o mais valioso é o espírito moderno. Essas ideias são fundamentais para entendermos a proposta estética como nos dizem os versos abaixo:

São Paulo! Comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris.. Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoad!

(Paulicéia desvairada, 1922)

Esses versos trazem uma visão da cidade com seu cotidiano, sem deixar de ironizar o poder e o egoísmo do homem moderno, por isso descreve os burgueses como retrógrados. Tal estilo traz o espírito novo de insulto, do riso que pode ser lido na sátira do amor idealizado. O autor também questiona os parnasianos com sua estética convencional e sua mania de exportação. Quanto à métrica, temos versos livres, com alguns arcaísmos e coloquialismos.

A escrava que não é Isaura (1925) traz um discurso sobre a poesia modernista que defende a ideia de que a criação lírica deve se voltar para um lirismo crítico em oposição ao lírico tradicional e sentimental. Para ele, o poeta deve trabalhar artesanalmente em sua obra. Nessa obra, temos a força do verso livre e branco com rimas livres e a força do nominal. No campo estético, temos uma maior exploração do subconsciente, rapidez e síntese. Seus versos têm um ritmo interior próprio. Observa-se que há alguns versos com rimas e métrica. Em nome do ritmo, o autor sacrifica a gramática e a sintaxe portuguesa que eram símbolos do passado que ele contestava.

Em *O losango cáqui* (1926), ele se volta para experiências do ritmo em busca da musicalidade moderna. Como poeta mais maduro, temos um Mário de Andrade que se diz feliz e fraterno. Para a crítica, essa obra é um atraso, pois não temos o mesmo tom das poesias anteriores. O autor abre espaço para um homem pacífico: “Creio que amo os homens por amor dos homens!”. Nessa obra o coloquialismo e o as tiradas humorísticas vão prevalecer.

Logo depois ele lança *Clã do jabuti* (1927), obra que traz paronomásias (repetição de palavras que explora a sonoridade) e coloquialismo como aspectos centrais. Dando continuidade à aproximação entre literatura e música, Mário de Andrade se aprofunda no estudo do lirismo e das camadas fônicas da poesia. Filosoficamente, o poeta continua se colocando como um homem fraterno e solidário que se distanciava do rebelde dos primeiros anos do Modernismo. (cf. RAMOS, 2001, p. 52-62) “Essa tendência irá aumentando, até chegar ao seu último poema, ‘Meditação sobre o Tietê’, onde alcança a fusão perfeita do coletivo e do pessoal, numa articulação mágica de temas e imagens tiradas de toda a sua obra anterior, cuja coerência profunda é assim revelada” (CANDID; CASTELLO, 2006, p.104). Dentro desse pequeno panorama, constatamos que a lírica de Andrade gira em torno da cidade de São Paulo e de uma profunda pesquisa folclórica da musicalidade da fala do português brasileiro.

A PROSA DE MÁRIO DE ANDRADE

De acordo com o que já foi mostrado aqui, Mário de Andrade pode ser visto como um dos artistas mais representativos do movimento modernista. Além de ser responsável por uma proposta teórica consistente do Modernismo, foi um ativista cultural que estava no centro das agitações

artísticas. Suas pesquisas sobre a cultura brasileira estavam relacionadas ao debate sobre a identidade nacional. Além disso, foi um músico preocupado com o folclore e com todas as artes. Sua proposta literária trouxe uma renovação cultural para a forma como a prosa era construída. Por isso, ele pode ser visto como um nacionalista crítico e lúcido das fronteiras da literatura brasileira. A pesquisa cultural e o fazer literatura andam juntos na proposta modernista de Mário de Andrade, que, por isso, se revela um experimentalista. Dentro dessa dimensão inovadora, estão suas narrativas mais importantes: *Macunaíma* e *Amar Verbo Intransitivo*. Esses textos trazem o debate sobre a cultura nacional e uma crítica à moral burguesa marcada pela hipocrisia e arrogância.

Para que você tenha um contato mais amplo com a obra desse autor, sugerimos a leitura de *Macunaíma*, para analisarmos como a identidade moderna pode ser manifestada nessa personagem que junta o primitivo do passado com a modernidade do presente para a construção de uma identidade híbrida. Essa obra narra a história do herói sem nenhum caráter, Macunaíma, um “índio negro” que assume a identidade de branco, em um processo que junta lenda e causos da cultura popular brasileira. Além disso, essa obra debate valores éticos que fazem parte da identidade do brasileiro.

O FINGIMENTO EM AMAR, VERBO INTRANSITIVO

Amar, Verbo Intransitivo (1927) é o romance urbano de Mário de Andrade, que, entre suas características, apresenta o uso do português coloquial para explorar a musicalidade da fala do povo brasileiro. Muitas cenas exploram a prosa telegráfica, devido à brevidade de ações. Notamos também a exploração de flashes por uma perspectiva expressionista, em que o passado é resgatado como uma ação do presente. Tal expressionismo pode ser associado às deformações a que o narrador vai expondo suas personagens. Tal provocação dos valores burgueses retoma o espírito destruidor da sua proposta modernista.

Quanto ao enredo principal, Elza é contratada como uma *Fräulein* (palavra que, entre outros sentidos, pode ser entendida como professora/governanta), para as primeiras lições dos filhos de Felisberto. Por trás da contratação dessa governanta, havia um interesse do pai em proteger o jovem Carlos dos perigos da prostituição. Ironicamente, Mário de Andrade explora a contradição do verbo amar como intransitivo, visto que Elza, *Fräulein*, deixa a frieza alemã de lado e se apaixona pelo jovem Carlos, por isso o amor é descrito como uma ação completa em si mesma. A intransitividade marca a relação entre a governanta e Carlos. Outra marca desse romance está no subtítulo do romance, um idílio, isto é, uma forma singela

de amor, ou melhor, um amor correspondido. Com esse jogo irônico proposto desde o título da obra, encontramos duplos sentidos e ambigüidades que reforçam a preocupação estética de Mário de Andrade.

Tal ambigüidade também nos convida a pensar a questão da identidade brasileira, pois o idílio proposto no romance fala de um jogo de adaptações, que tanto descreve o brasileiro como um sujeito com vícios morais, como um ser que sabe explorar a razão e o dinheiro para ter uma vida melhor. Tal interpretação é possível porque a protagonista, *Fräulein*, uma alemã culta, racional e metódica, cai na armadilha do jogo amoroso/sexual e se apaixona pelo jovem Carlos. Outro tema que a obra explora é adaptação do estrangeiro à cultura brasileira, pois, na perspectiva do narrador, o estrangeiro tem que se adaptar à cultura brasileira e não o contrário. Entre esses universos, encontramos um narrador preocupado em debater a sociedade brasileira e seus valores morais.

O espaço narrado de *Amar verbo intransitivo* também fortalece essa interpretação sociológica, pois fala de uma família de origem humilde. Trata-se dos novos ricos de São Paulo, famílias que conseguiram dinheiro, mas não têm tradição. Pelo enfoque de aprendizagem que o romance carrega, o espaço da casa funciona como um microcosmo de uma sociedade cheia de regras e valores que facilmente podem comprados. Carlos, o jovem herdeiro, transita de forma privilegiada pelos espaços da família. *Fräulein*, uma mulher mais velha serena e fria, aos poucos passa das lições de piano, língua alemã e cultura para as noturnas lições de amor/sexo. Além de Carlos e de *Fräulein*, o romance conta com a figura de Felisberto, o pai, um senhor bem sucedido, D. Laura, a bondosa e íntegra mãe, e mais três filhas menores que também ficam aos cuidados de *Fräulein*. Vale destacar que, em algumas passagens, o narrador ressalta que se trata de um casal que tenta esconder o passado pobre e sua mestiçagem.

O sofisticado jogo entre aparência e realidade, entre esconder e revelar a iniciação sexual do rapaz mostra toda a complexidade que há por trás desse aprendizado. Assim, tanto a iniciação da sexualidade do filho, como as marcas da mestiçagem são assuntos proibidos, que apenas são murmurados, insinuados e escondidos pelas personagens envolvidas na trama. No entanto, uma leitura atenta nos mostra que a “professora” é apenas a fachada de uma mulher que luta para sobreviver e de uma família que alisa seus cabelos para se enquadrar no padrão estético burguês paulista. Esse mascaramento da origem da família é uma sátira que o autor faz daquela época quando se tentava escamotear a mestiçagem do povo brasileiro. Assim como acontece com a peça teatral *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, o romance *Amar verbo intransitivo* traz uma mordaz crítica à burguesia paulista. Esse compromisso do escritor de criticar os comportamentos hipócritas da sociedade paulista faz parte do projeto de contestação dos valores morais de uma sociedade de aparências.

AS AMBIGÜIDADES DE MACUNAÍMA

Em 1928, Mário de Andrade lança *Macunaíma*, seu projeto mais arrojado de pesquisa folclórica das lendas amazônicas. A força dessa narrativa de um herói sem caráter está no seu caráter de provocação e na leitura inusitada dos valores que compõem a identidade do povo brasileiro, tema caro ao escritor. De certa forma, essa obra faz um ataque às desvirtudes nacionais, acumulando e exagerando nos defeitos e falta de caráter do brasileiro. Tudo no estilo provocador e bem humorado do autor. A crítica tem ressaltado seu acervo cultural de lendas, provérbios e prosódia brasileira. Macunaíma, o personagem central, é um herói que incorpora, sem ordem nem hierarquia, diferentes características raciais e regionais. Daí a complexidade desse personagem que pode ser visto como uma colagem das diferentes identidades brasileiras, baseada em um “nacionalismo estético e pitoresco, com utilização do folclore e da etnografia, à busca de um específico brasileiro que obsedava os renovadores”. (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 103).

Mário de Andrade relata que escreveu *Macunaíma* em seis dias, em Araraquara (SP), depois de muito pesquisar e juntar material sobre as lendas amazônicas. Para o autor, o principal tema do livro é o folclore. Como já dito, seus pequenos causos nasceram de pesquisas sobre lendas e mitos indígenas com o detalhe da exploração de uma linguagem bem próxima da oralidade usada em diferentes lugares do país. O autor classificou sua obra como uma rapsódia, por se tratar de um conjunto de narrativas historicamente passadas de geração em geração, como as epopéias clássicas. O termo rapsódia também leva a pensar em peças musicais, cantos tirados da tradição popular. *Macunaíma*, então, pode ser visto como uma coleção de cantos populares de várias regiões do Brasil.

Além de toda essa pesquisa e da criatividade, das ironias e das paródias do acervo literário brasileiro, temos que destacar que houve uma especial referência bibliográfica sobre lendas amazônicas que inspirou Mário de Andrade. Trata-se do livro *Do Roraima ao Orenoco*, do alemão Theodor Koch-Grünberg, obra lançada em cinco volumes, entre 1916 e 1924. Toda essa complexidade de pesquisas de linguagens populares, indígenas e técnicas narrativas importadas nos dão uma mostra da densidade e complexidade por trás de *Macunaíma*. Ainda cabe ressaltar que Mário de Andrade teve acesso às pesquisas sobre cultura brasileira de Capistrano de Abreu, Couto Magalhães e Pereira da Costa.

Essa obra traz Macunaíma como herói do povo brasileiro. Ele nasce em plena floresta amazônica, descendente dos Tupanhumas. De forma cômica, Macunaíma é descrito como um garoto muito preguiçoso que só queria desfrutar dos prazeres da vida. A abertura da obra já revela o tom que encontraremos. Além da descrição inusitada e cômica, observe como o trabalho com a linguagem é feito:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

-Ai que preguiçal...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguns cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo. (ANDRADE, 1991)

O processo de transformação de Macunaíma em um homem branco já está presente em suas aventuras com a mulher do irmão Jiguê. Ele passa por diversas metamorfoses, pois de índio mestiço com negro, ele passa a ser um homem branco. O garoto Macunaíma não tem escrúpulos e, de tanto “passar a perna” na própria família, é abandonado pela mãe. Quando adulto, encontra sua amada Ci, Mãe do Mato, com quem passa a viver diferentes aventuras sexuais. Depois de perder o filho, Ci dá a Macunaíma um amuleto da sorte, sua muiraquitã. Ci se encanta e se transforma em uma estrela. Após a perda sua amada, Macunaíma parte em busca de novas aventuras. Em uma luta contra um monstro, Macunaíma perde sua muiraquitã, que é comprada por Venceslau Pietro Pietra, um burguês de São Paulo. Dessa forma, só resta a nosso herói sair em busca do amuleto presenteado por sua amada. Junto com seus irmãos Maanape e Jiguê, Macunaíma parte para a cidade grande, em busca de seu amuleto. No jogo de junção de lendas, a narrativa dá novos contornos a Venceslau Pietro Pietra, que passa a ser descrito como um gigante antropófago. Entre muitas idas e vindas, que incluem o trânsito por várias regiões do Brasil e o contato com o mundo urbano da máquina e a diversidade do folclore brasileiro, Macunaíma vence o gigante. Depois de retornar a sua aldeia, sua terra natal, reconhece o abandono de sua casa. Nessa narrativa, o herói não se converte à ordem do sistema, ele foge da obediência, e sua identidade é a esperteza e a improvisação. Dentro da lógica cultural brasileira, a narrativa ressalta ainda o sincretismo religioso brasileiro, ao falar de terreiro de macumba e de lenda indígenas.

Como uma narrativa cheia de encontros com o maravilhoso, Macunaíma está sempre se deparando com deuses, monstros e seres antropofágicos dos quais escapa sempre.

Esse conjunto de lendas e mitos brasileiros é usado como matéria-prima do escritor antropofágico para traduzir as tensões da literatura brasileira. Entre as muitas abordagens diferenciadas, ele inverte os relatos sobre os índios, quando descreve índios diante da “civilização”: o encontro de Macunaíma e seus irmãos com São Paulo, isto é, prioriza o ângulo do índio. Tal processo antropofágico está presente na forma como o herói se comporta diante desses valores, ele inverte conceitos culturais burgueses em um processo de apropriação cultural. Essa junção de diversas lendas indígenas, ditados populares, obscenidades, causos populares dá o tom alegre ao romance.

Devido à exploração de lendas indígenas que narram a presença de monstros, feiticeiras, gigantes antropofágicos e diversos mitos, Macunaíma pode ser considerada uma narrativa fantástica, em que o sobrenatural, o sonho e a loucura permeiam as aventuras do herói. Esse ângulo do sobrenatural é narrado pelo olhar cômico e picante de um narrador com fome de cultura popular. Observamos que, nos pequenos relatos que compõem as ações do herói, temos cenas marcadas pelo tom onírico do Surrealismo. A não-logicidade de alguns casos nos remete também à proposta experimental das vanguardas. Com uma narrativa que se coloca como oposição das epopéias, *Macunaíma* pode ser visto como uma obra modernista que dialoga com *O Guarani*, de José de Alencar, pois retoma o mito da fundação da nação brasileira por uma perspectiva paródica. Sem um herói íntegro e forte, nem idealizado por uma moral burguesa, a narrativa modernista de Mário de Andrade retoma o mito da fundação a partir da sátira literária. A preguiça, a irreverência e o deboche de Macunaíma se opõem à dignidade e à integridade do Peri de Alencar. Por isso, *Macunaíma* é uma obra que tanto dialoga com o passado cultural do país como retoma uma tradição literária a partir do revisionismo próprio do Modernismo.

Por seu diálogo com a cultura popular, essa obra impressiona pelo tom picaresco e pelos episódios maravilhosos em que ele se transforma em príncipe, e suas amadas, em estrela. Essa confluência de linguagens (ora popular, ora indígena) denuncia uma lógica própria da narrativa. Sua proximidade com as narrativas picarescas, obras nas quais o herói é um malandro que quer levar vantagens também dialoga com a tradição da literatura brasileira. Ao valorizar as peripécias desse malandro, Mário de Andrade retoma a tradição fundada por Manuel Antônio de Almeida em *Memórias de um Sargento de Milícias*. Além dessas intertextualidades, vale ressaltar a mordaz crítica ao parnasianismo presente no Capítulo IX, *Carta pras Icamiabas*. Vale a pena ler esse trecho em que o narrador ridiculariza o conservadorismo parnasiano quando produz uma carta com uma linguagem monstruosamente arcaica como: “estamos corroídos pelo morbo e pelos miriápodes” e em “nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico”.

Com isso, destacamos que o herói de Mário de Andrade não se dobra diante dos bons costumes, nem cai na idealização do herói.

Portanto, a obra *Macunaíma* questiona o padrão imposto pelas heranças culturais e se opõe ao pensamento reacionário que buscava heróis idealizados como exemplos. Sem ser avessa ao que vem do estrangeiro, essa obra traz um forte elo com o movimento da Antropofagia (1928), que buscava a originalidade da cultura brasileira. Por se tratar de uma obra que questionava a tradição, vale lembrar que muitas cenas são influenciadas pelas propostas dadaístas e surrealistas, pois pregam a negação da lógica e enfatizam o onírico próprio das lendas. Como o próprio movimento antropofágico pregava, a técnica narrativa era importada, mas a cultura local era a valorizada, assim, temos a exploração do que há de melhor da cultura importada. Por isso, há uma antropofagia cultural nessa obra, um processo de assimilação da estética importada.

Quanto ao herói Macunaíma, nós não podemos esquecer sua origem tribal. Essa origem é um importante elo para entendermos o universo misterioso que envolve o herói sem caráter. Sua falta de ética nos remete aos princípios maléficos que ele carrega. Tal genealogia de um herói com defeitos é um ponto diferencial da proposta de Mário de Andrade. Sua perversidade assusta, nem mesmo a mãe é salva de suas maldades, todavia, não podemos nos esquecer da confluência entre a oralidade e a lenda que dão um tom prosaico à narrativa, como se todos aqueles causos não passassem de um exercício da oralidade que valorizam o vigor linguístico do português do Brasil.

Esteticamente, essa obra explora a linguagem fragmentada, com cenas que traduzem a linguagem cinematográfica e com cortes bruscos do narrador. Com isso, a narrativa ganha velocidade, continuidade e simultaneidade. Em algumas passagens de suas aventuras, por exemplo, Macunaíma se desloca por vários lugares simultaneamente. Assim, o tempo da narrativa também exige um esforço do leitor, pois não é especificamente cronológico, muito menos pode ser visto como psicológico. Por esse diferencial, ele se aproxima do tempo mítico, um tempo coletivo, próprio das lendas, pois se trata de um tempo-espaco fora do tempo. Por essa peculiaridade de fazer uma junção de mitos e lendas brasileiros, “o espaco e o tempo são arbitrários, o fantástico assume um ar de coisa corriqueira e o lirismo da mitologia se funde a cada passo com a piada, a brincadeira, a malandragem nacional, que Macunaíma encara (é “o herói sem nenhum caráter”) (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 112-3). A arbitrariedade desse plural deslocamento espaco-tempo reforça a dinâmica da narrativa antropofágica de Mário de Andrade.

Nesse jogo de ambigüidades, Macunaíma se fortalece como uma proposta modernista bem acabada esteticamente. Trata-se de um projeto artístico que vai além do *Modernismo*, pois dialoga com o passado para pro-

jetar um futuro. A atualidade da construção do herói de Mário de Andrade ressalta a importância dessa obra para a cultura brasileira. Trata-se de uma obra que não se esgota como modelo de uma escola literária, suas raízes vanguardistas, literárias e populares a projetam no centro do liquidificador antropofágico. Tudo foi batido naquele caldo cultural de Mário de Andrade. As ambigüidades da obra reforçam nossa leitura, pois ela se disfarça de oralidade para se projetar artisticamente, se disfarça de anti-herói para falar da identidade heróica do brasileiro. Portanto, a ambigüidade pode ser vista como a força renovadora dessa obra que, tanto técnica como tematicamente, bebe na proposta antropofágica para se fazer arte.

CONCLUSÃO

A força da obra de Mário de Andrade continua atual. Sua forma de interpretar a sociedade brasileira permanece valiosa para entendermos os conflitos sociais e culturais que atravessam nossa formação histórica. A dedicação entusiástica do primeiro momento e o amadurecimento com pesquisas sobre a música, o folclore e a música e a cultura popular foram indispensáveis para construção de sua obra. De sua poesia *Paulicéia desvairada* aos romances críticos *Macunaíma* e *Amar verbo intransitivo*, temos um projeto estético modernista desbravador que incomodou a classe dominante por ter sido radical na sua proposta de questionar o clássico. Essa postura de Mário de Andrade, junto com a de Oswald de Andrade, dá a dimensão ambiciosa do Modernismo como uma ampla revolução cultural. A significação da obra de Mário de Andrade ganha mais visibilidade no contexto modernista. Mas, essa condição não basta. Sua dimensão histórica e filosófica vai além da proposta de um movimento cultural e precisa de um leitor que queira explorar seus grandes temas universais como a ética e a tradição cultural.



RESUMO

Esta aula identificou as principais contribuições da literatura de Mário de Andrade para o Modernismo. Estudamos as questões estéticas das primeiras propostas líricas que resultaram na construção de *Paulicéia desvairada*, obra que incorpora o verso livre e a dimensão tecnológica da poesia. Em um segundo momento, analisamos as particularidades de *Amar verbo intransitivo*, como um romance de contestação de valores burgueses por meio da construção do fingimento de Elza, a professora que finge ensinar o amor/sexo a Carlos, um jovem em busca dos prazeres. Na parte final desta aula, comentamos as diferentes abordagens estéticas e culturais que incidem para a análise do herói sem caráter e sem escrúpulos, Macunaíma. Essa obra apresenta diferentes questionamentos sobre o nacionalismo e a riqueza cultural das lendas amazônicas. Seu jogo estético da fragmentação narrativa explora técnicas cinematográficas em cenas surrealistas.



ATIVIDADES

- 1) Faça um estudo das personagens de *Macunaíma* para debater as características estéticas e culturais do Modernismo.
- 2) Redija um comentário sobre a principal sátira que *Amar verbo intransitivo* nos apresenta.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A obra *Macunaíma* traz a irreverência como marca do herói sem caráter, um homem preguiçoso que queria levar vantagem em tudo. Seus personagens fazem parte de lendas que o autor usa como uma grande colagem. Nela encontramos, por exemplo, o gigante Venceslau que pode ser visto como o Mal, o Capitalismo ou a própria modernidade. Explore outros personagens que comentamos nesta aula.

A obra *Amar verbo intransitivo* também faz parte do projeto experimental do autor. Ela traz uma visão negativa sobre a moral burguesa e questiona a adaptação do estrangeiro às necessidades de sobrevivência. Veja que a família paulista é o ponto de ataque. A hipocrisia gira em torno da contratação de um governante para iniciar a vida sexual de Carlos.

AUTO-AVALIAÇÃO

A força da obra de Mário de Andrade se confunde com o Modernismo brasileiro. Portanto, avalie como ele dialoga e se opõe ao projeto de Oswald de Andrade. Explore a diversidade temática de Mário de Andrade e sua habilidade com as lendas do imaginário brasileiro.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos as diferentes formas como o nacionalismo foi incorporado pelos escritores da primeira fase do Modernismo.



REFERÊNCIAS

- ANDRANDE, Mario. **Macunaíma**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46^a. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – História e Antologia**. 15^a. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**, 5^a. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9^a. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CASTRO, Dácio Antônio de. Mário de Andrade. disponível em <http://www.angelfire.com/mn/macunaima/>. Acessado em 20/12/2010.
- COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6^a. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. **Literatura, História e Política – Literaturas de Língua Portuguesa no Século XX**. 2^a. Edição. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MOISÉS-PERRONE, Leyla. Macunaíma e a entidade nacional brasileira. IN MOISÉS-PERRONE, Leyla. **Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- RAMOS, Pércles. A poesia modernista. In COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6^a. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18^a. Edição. Petrópolis, 2009.